

RESENHA

Elizabeth Gomes

PEARCEY, Nancy. **Total truth**. Wheaton, Illinois: Crossway Books, 2004. 479 p.

Deus está na arena pública da política, do comércio, do direito e da educação – ou a religião seria apenas questão particular, confortável para os indivíduos, mas irrelevante para a cultura geral? Essa análise da divisão errônea entre o sagrado e o secular, entre o privado e o público, é um livro apaixonante, porque a autora é apaixonada pela verdade total de Deus e habilidosa em conduzir o pensamento do leitor para fora de suas amarras culturais, redimindo a cultura em que vivemos.

Nancy Pearcey se converteu na Comunidade L'Abri com Francis Schaeffer. Pós-graduada em teologia e filosofia, foi co-autora com Charles Colson de *E agora, como viveremos?* (Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2000, 647 p.) e *The soul of science*, além de numerosos artigos sobre ciência e fé, renovação intelectual e espiritual. É catedrática no Instituto de Jornalismo Mundial, onde este livro serve com base para o currículo de *Visão do mundo*. É também professora convidada da Universidade Biola (Califórnia) e do *Discovery Institute*. Este livro é apresentado por Phillip E. Johnson,¹ com quem ela tem colaborado em seminários sobre ciência, filosofia e fé. *Total truth* parte do princípio de que “treinar o jovem a desenvolver uma mente cristã não é mais uma opção – faz parte do equipamento de sobrevivência essencial para a sua vida”.² Para esse treinamento, a autora divide o livro em quatro partes principais, cada uma (exceto a última) com quatro capítulos, e no final, quatro apêndices.

¹ Autor de *Ciência, intolerância e fé – a cunha da verdade: rompendo os fundamentos do naturalismo*, Viçosa: Ultimato, 2004 e *Como derrotar o evolucionismo com mentes abertas*, São Paulo: Mundo Cristão, 200? entre outros.

² PEARCEY, *Total truth*, p. 19.

A primeira divisão enfoca em que consiste a visão de mundo e a situação de mente dividida dos cristãos no mundo pós-moderno – esquizofrenia cristã – quanto ao mundo intelectual e espiritual. Diversos casos reais são relatados entre explicações filosóficas, históricas e biológicas. A tese da autora é de que “somente pela recuperação de uma visão holística da verdade total podemos libertar o evangelho para que se torne uma força redentiva que permeie todas as áreas da vida”.³ Defende ela que devemos “identificar e analisar criticamente os ídolos intelectuais dominantes, para então construir alternativas com base bíblica”.⁴ Explica que falar de uma visão cristã do mundo é simplesmente outra maneira de dizer que, quando somos redimidos, toda a nossa perspectiva da vida é recentralizada em Deus e reconstruída sobre sua verdade revelada”.⁵ A autora conta a sua odisséia pessoal como estudante de origem luterana, a rejeição da sua fé para obter conhecimento do mundo secular e o seu encontro com Deus em L’Abri, onde observou que, junto com a sua capacidade de *analisar e discutir qualquer filosofia ou conceito científico do mundo secular*, Scheaffer expressava *ardente compaixão* pelas pessoas presas nas amarras de visões falsas e perniciosas do mundo. Ela relata as histórias do filósofo cristão Alvin Plantinga, que provocou a volta para a comunidade filosófica de acadêmicos comprometidos com uma visão teísta da filosofia analítica, do médico psiquiatra David Larson, que virou a mesa conceitual quanto à saúde mental dos que realmente crêem em Cristo, e de Marvin Olasky, que provocou a mudança de paradigmas na assistência social nos Estados Unidos para uma “visão conservadora compassiva” com base em iniciativas de fé.

“Em certo sentido”, diz Pearcey, “o cristão precisa aprender a ser bilíngüe, traduzindo a perspectiva do evangelho para uma língua compreensível à nossa cultura”.⁶ Contudo, apesar da expansão do cristianismo no mundo atual, a fé foi relegada à esfera privada, exercendo pouca influência sobre a esfera pública. Seu apelo está no significado pessoal, em laços sociais, apoio familiar, força emocional – as igrejas passaram a falar a língua das necessidades psicológicas e enfatizam as funções terapêuticas da religião em detrimento de um entendimento global que alcance o mundo dos negócios, da política ou da cultura. Isso traz à mente a situação no Brasil, onde crescem vertiginosamente os evangélicos, mas sem influência moral, ética, política ou cultural. Vai ao contrário do que buscavam os reformadores como Calvino: “um campo unificado de conhecimento onde a revelação divina fosse a luz que ilumina todas as áreas de estudo (...) restaurando significado espiritual às atividades da vida comum, realizadas em obediência ao Mandado Cultural”.⁷

³ Ibid., p. 22.

⁴ Ibid., p. 42.

⁵ Ibid., p. 46.

⁶ Ibid., p. 67.

⁷ Ibid., p. 81-82.

Antigamente, os pastores estavam entre os indivíduos mais cultos da comunidade e suas congregações os respeitavam por sua vida espiritual, caráter e habilidade intelectual. Mas hoje nem a última característica mencionada faz parte do perfil do pastor. “É imperativo que os seminários ampliem a educação dos pastores para incluir cursos sobre história intelectual, treinando os futuros pastores a avaliar criticamente as ideologias dominantes de nosso tempo, oferecendo liderança intelectual, ensinando do púlpito a apologética. [...] Uma religião que evita a tarefa de pensar e se retrai para o âmbito terapêutico dos sentimentos e relacionamentos pessoais não sobreviverá na batalha espiritual hodierna”,⁸ diz a Dra. Pearcey.

Para se construir uma perspectiva cristã de qualquer campo, é necessário fazer três conjuntos de perguntas:

- 1) *Criação* – como este aspecto do mundo foi criado originariamente? Quais eram sua natureza e propósito originais?
- 2) *Queda* – Como foi distorcido pela queda, corrompido pelo pecado e por falsas visões do mundo? Separada de Deus, a criação tende a ser *divinizada* ou *demonizada* – transformada em ídolo ou em mal.
- 3) *Redenção* – Como trazer este aspecto do mundo para o senhorio de Cristo, restaurando-lhe o propósito original da criação?⁹

Na segunda parte, *Total truth* explica o conflito entre darwinismo e o conceito bíblico de criação. Ela analisa diversos mitos do evolucionismo e despedaça a idéia dos cientistas como nobres pesquisadores da verdade. “(...) Se apresentam, na verdade, como propagandistas prontos a empregar mentiras úteis (...) Não perguntam se uma teoria é verdadeira, mas se é naturalista (...) Não consideram certo perguntar se a vida evoluiu por forças naturais, e sim, apenas, quais processos naturais estiveram atuando”.¹⁰ Quando Pearcey começou a escrever sobre ciência e fé em 1977, o mundo cristão estava lutando sobre essa questão – criacionistas de terra nova, criacionistas de terra antiga, geólogos do dilúvio, criacionistas progressivos, teóricos da “lacuna” e evolucionistas teístas brigavam sobre o tamanho dos “dias” da criação e a extensão do dilúvio de Gênesis. Ignoravam a questão crucial: é o universo obra de um agente inteligente, um Deus pessoal, ou de forças cegas e não-cognitivas? Para Pearcey, “se cristãos desejam lutar com eficiência na *guerra cultural*, temos de nos dispor a tratar da *guerra cognitiva quanto às origens*, que sustenta tudo o mais”.¹¹ O evolucionismo na área teológica – gerando indeterminação e inovação – leva à teologia do processo, à idéia de que “nós formamos Deus e suas experiências, porque nossa

⁸ Ibid., p. 127.

⁹ Ver Ibid., p. 227-128.

¹⁰ Ibid., p. 165-170.

¹¹ Ibid., p. 247.

vida dá forma concreta à vida divina (...) [Deus] evolui junto com o mundo no curso da história”.¹²

A terceira parte descreve “Como perdemos a cabeça” – uma visão histórica da igreja nos Estados Unidos nos últimos 200 anos que revela as tendências do evangelicalismo de definir a vida cristã principalmente em termos de dedicação e santidade individuais, perdendo de vista sua identidade confessional.¹³ A divisão da verdade em dois patamares diferentes não é apenas questão teórica, mas também poderosa força a reformular o modo como vivemos. O capítulo 12, em especial, fascinou-me, com seu resumo de “Como as Mulheres Começaram a Guerra Cultural”. Sua premissa é de que “é difícil para o pai numa sociedade industrializada moderna funcionar como principal responsável pelos filhos, conforme é desafiado pela Escritura [...] e igualmente difícil para a mãe criar bem os filhos e ainda permanecer fiel no aperfeiçoamento de seus outros dons no chamado cristão. A distância entre o lar e a arena do trabalho [...] significa que a maioria de nós precisa se especializar em um ou outro lado, pelo menos em grande parte de nossa vida”.¹⁴

A quarta parte pergunta, “O que vem agora?”, trata da vida cristã – a verdadeira espiritualidade – dentro do cenário pós-moderno. Narrando as crises de diversos servos de Deus (inclusive Francis Schaeffer), a autora trata dos sistemas mundanos como “ídolos do coração”, lembrando-nos a teologia da cruz, de um Senhor rejeitado, morto e ressuscitado. “Somente quando cooperamos com Deus morrendo para o *eu* e o pecado é que nos abrimos para receber ‘a mente de Cristo’”, diz Pearcey.¹⁵

Os quatro apêndices são artigos sobre como a política norte-americana se tornou secularizada, sobre o Islã moderno e o movimento Nova Era, sobre a guerra entre materialismo e cristianismo e uma apologética prática diante dos variados *ismos* que nos cercam.

Este é um livro que eu gostaria de ter lido anos atrás, quando comecei a enfrentar pessoalmente os dilemas do pensamento do mundo em que vivemos ante as reivindicações da Palavra de Deus. Hoje é ainda mais importante libertar nossa fé do cativeiro cultural em que o mundo pós-moderno se encontra. A autora nos surpreende com sua argúcia: fez uma pesquisa histórica profunda e demonstra amplo conhecimento filosófico e teológico. Trata de um assunto complicado de modo simples, compreensível para o leigo, imprescindível para quem deseja ensinar a Palavra da Verdade e crê na verdade da Palavra de Deus, é inconformado e desejoso de transformar o século em que vivemos (Rm 12.2).

¹² Ibid., p. 235-236.

¹³ Leia, em especial, as páginas 255 a 272.

¹⁴ Ibid., p. 348.

¹⁵ Ibid., p. 348.